

GES
PCP


O Camponês

ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

AS ACÇÕES DE MASSAS DE OUTUBRO-NOVEMBRO APONTAM O CAMINHO DO LEVANTAMENTO NACIONAL

A pesar do governo de Salazar, muito antes e no decorrer do período eleitoral, ter recorrido à mais descarada ilegalidade, ao terror, às prisões de dezenas de democratas e a todo um conjunto de medidas repressivas, com o objectivo de realizar «eleições» sem campanha eleitoral, não conseguiu amedrontar a Oposição nem ar que fossem apresentadas listas democráticas em oito distritos (Lisboa, Santarém, Coimbra, Aveiro, Viana, Porto, Braga e Castelo Branco).

Muitas dezenas de milhares de portugueses, manifestaram-se abertamente contra o odiado regime de Salazar, levantaram bem alto o seu grito pela liberdade, pela Democracia, «Fora Salazar», «Morra Salazar», «Amnistia», «Abaixo o medo», «Abaixo a guerra de Angola», etc. Os novos deputados da Cova da Piedade, Alpiarça, Lisboa, Grândola, com a classe operária e a juventude estudantil estiveram na vanguarda desta jornada.

Em Almada em Cova da Piedade, tiveram lugar importantes manifestações. Assim, no dia 11-Nov., partem da Cova da Piedade mais de 2 mil pessoas em manifestação para Almada. Pouco tempo depois, há mais de 5 mil pessoas na manifestação. Travou-se reenhida luta com as forças da G.N.R., P.S.P. e P.I.D.E. Houve muita pancadaria e feridos de parte a parte. Nesta luta com o inimigo, caiu varado com uma rajada de metralhadora o valente jovem corticeiro, Cândido Capilé.

No dia 14, dia do funeral do jovem caído, juntaram-se em Cacilhas mais de 20 mil pessoas. Almada estava militarmente ocupada. As forças repressivas lançaram-se raivosamente sobre a manifestação à coronhada e com os cavalos. Centenas de ramos de flores foram espinhados com requintes de malvadês. A PIDE roubou o corpo e enterrou-o às escondidas em Benfica.

Em Lisboa realizaram-se várias manifestações populares. No dia 29-Out., no funeral do democrata Dr. Câmara Reis, juntaram-se mais de 4 mil pessoas. À saída do cemitério, 600 jovens manifestaram-se pelas ruas de Lisboa gritando «Amnistia» e «Liberdade». Travou-se luta com a P.S.P. e a P.I.D.E.. No dia 6-Nov., jovens estudantes realizaram uma manifestação pelas ruas da cidade. «Abaixo a burla eleitoral!», «Liberdade!», apouca-ram o jornal «A Voz» e aplaudiram «A República». No dia 11 e 12 houve várias manifestações nas ruas da cidade.

Em Grândola, no dia 1-Nov., 500 pessoas fizeram uma romagem no cemitério. No dia 11-Nov., 200 pessoas fizeram nova romagem. Depois saíram em manifestação pelas ruas da vila, «Fora Salazar», «Amnistia», «Abaixo a guerra de Angola», etc.

Coimbra—Mais de 300 pessoas se manifestaram nas ruas da cidade. «Liberdade», «Amnistia» e cantando o hino nacional.

Covilhã—Na Covilhã, mais de mil pessoas se manifestaram nas ruas da cidade. «Abaixo o fascismo», «Viva a Liberdade».

Couço—No dia 12-Nov., concentraram-se centenas de pessoas junto da secção de voto gritando: «Abaixo Salazar», «Traidores», «Amnistia».

Aproveitando o período eleitoral os trabalhadores de algumas localidades efectuaram várias assembleias para discutir os seus problemas. Assim, no Porto, realizou-se uma assembleia com 300 trabalhadores. Estiveram presentes delegações de Almada, Lisboa, Sacavém, Torres Vedras e Minho.

AS DEBILIDADES NO SUL

Porém, a par dos passos positivos e vitórias alcançadas, houve debilidades e deficiências que devem ser apontadas. O facto de existir uma grande corrente abstencionista e de não terem sido apresentadas listas democráticas nos cinco distritos do Sul (Setúbal, Faro, Beja, Évora e Portalegre), revelou uma grave debilidade da Oposição e prejudicou muito o movimento, pois, sem a existência destas debilidades, teriam sido mobilizados muitos milhares de portugueses, ter-se-iam aberto maiores perspectivas de luta e ter-se-iam criado maiores dificuldades ao fascismo.

O que mostra esta realidade? Mostra que a Oposição no Sul, subestimou as largas possibilidades de esclarecimento, de organização e mobilização das massas populares, que existem nesta parte do país uma forte corrente «golpista», a qual considera que as acções de massas «não dão nada».

Apeiamos para todos os democratas destes cinco distritos para que vençam a sua passividade e, apoiados no povo, promovam constantemente acções anti-salazaristas.

APROVEITEMOS AS CONDIÇÕES CRIADAS PARA INTENSIFICAR AINDA MAIS A NOSSA LUTA

A jornada eleitoral, isolou ainda mais Salazar, tornou mais claro

GREVES E MANIFESTAÇÕES NAS RUAS DE ALPIARÇA

Magnífico exemplo de luta contra a repressão, pela Democracia e contra o fascismo, dão os trabalhadores e o povo de Alpiarça a todo o nosso país. Os democratas desta localidade, contribuíram em grande parte, para a apresentação de candidaturas da Oposição no distrito de Santarém. Todavia, os fascistas raivosos com a combatividade do povo de Alpiarça, na madrugada de 13 de Outubro, desencadearam uma forte onda repressiva, prendendo mais de quarenta pessoas.

Ao aperceber-se das prisões, o povo saiu para a rua gritando à PIDE: «Bandidos!» e «Assasinos!». Neste dia, uma grande parte dos trabalhadores fizeram greve e mais de trezentas pessoas junta-

ram-se no posto da G.N.R., protestando e reclamando a libertação dos presos. Daqui, partiram em manifestação pelas ruas para a Câmara, onde igualmente protestaram e exigiram a liberdade dos presos.

No dia 14, houve uma greve geral dos trabalhadores agrícolas e industriais de protesto contra as prisões. Na fábrica de passas de uva, onde trabalham 160 mulheres, todas fizeram greve. No dia 22, nova concentração na Câmara, exigindo a liberdade dos presos, e no dia 4-11 nova greve.

A partir do dia 4, foram formados piquetes de vigilância para evitar novas prisões durante a noite. Estes piquetes encararam medidas prévias para, em caso de novas prisões, chamarem a população para a rua—tocar sinos a rebate ou uma largada de foguetes. Entretanto, na madrugada de 15, chegaram vários jeeps da P.I.D.E. e G.N.R., e efectuaram mais três prisões. Os sinos estavam guardados pela G.N.R., mas os piquetes tinham o recurso dos foguetes; e, quando estes rebentaram, toda a população veio para a rua manifestar-se abertamente contra as forças repressivas, forçando-as a recolher ao posto. Houve tiros sobre os manifestantes.

O povo cercou os jeeps, mas a G.N.R. e a P.I.D.E., à coronhada e a pontapé, afastaram o povo e levaram os presos. Às seis horas da manhã do dia 15, três mil pessoas juntaram-se na Câmara, protestando contra as prisões, contra a repressão e reclamando a libertação de todos os presos. Em sinal de protesto, os valentes trabalhadores foram para a greve durante 4 dias. Por outro lado, foram feitos milhares de manifestos, expressando a mais viva indignação contra a repressão, exigindo liberdade para todos os presos e, ao mesmo tempo, reclamando que fossem distribuídos os mouchões aos camponeses sem terra.

Valente povo de Alpiarça! Continuai a luta organizada e firme, apoiada na base de comissões, de concentrações, de abaixo-assinados, etc., reclamando bem alto a imediata libertação dos nossos conterrâneos, e de todos os presos políticos.

É este o caminho! Esta luta multiplicada por milhares de lutas em todo o país, conduzirá ao levantamento nacional, ao fim do fascismo e à libertação do povo português.

SAUDAÇÃO

Ao iniciar-se o novo ano de 1962, «O Camponês» saúda todos os seus amigos e leitores, e todos os que lutam contra a ditadura fascista de Salazar, exortando-os a que se unam, se organizem e lutem firme e decididamente pela conquista do Pão, da Liberdade, da Democracia e da Paz.

O ano de 1962 será decerto um ano de intensa actividade dos camponeses do Sul, que não pouparão esforços para lutarem em defesa dos nossos justos interesses.

O ano de 1962 tem de ser um ano de potentes lutas de todos os patriotas pelo derrubamento do regime fascista em Portugal.

VIVA A UNIDADE E A ACÇÃO!

OIÇA A RÁDIO

Rádio Moscovo transmite diariamente em português das 19,30 às 20 e das 21 às 21,30 por comprimentos de onda de 25,31,41 e 49 metros.

Rádio Praga transmite em português das 19 às 19,30 e das 23,30 às 24 por comprimentos de 16,19 e 25 metros e em ondas médias de 233 e 273 metros.

PAIS, NOIVAS E IRMÃOS!

Salazar, não contente como sangue dos vossos filhos, noivo e irmãos, que tem feito derramarem terras de Angola e nas outras colónias. Retarda agora, o regreio dos soldados e dos oficiais, que encontram prisioneiros em campos de concentração, em (e) Damão e Dio.

(continua na 2.ª pag.)

TRABALHADORES DOS ARROZAI!

UNIDOS E ORGANIZADOS EXIJAMOS 30\$00

PARA OS HOMENS E 20\$00 PARA AS MULHERES
E O HORÁRIO DAS OITO HORAS!

Todos os anos, milhares de operários e operárias agrícolas procuram nos trabalhos dos arrozais o seu sustento.

De grandes distâncias deslocam-se para este tipo de trabalho, apesar das condições desumanas a que são sujeitos, os homens, as mulheres e até as crianças.

Os agrários servindo-se do desemprego e da fome em que se encontram estes trabalhadores, pagam-lhes jornas de fome na base de contratas que faz lembrar o trabalho escravo de outros tempos.

Homens, mulheres e crianças trabalham de sol a sol, descalços, enterrados na lama, debaixo de um frio cortante. A alimentação é feita à base de papas e trincas de arroz. Os dormitórios são velhas barracas de madeira, onde dormem

em conjunto e sem um mínimo de higiene e conforto, homens, mulheres e crianças. A fome, o frio e a dureza do trabalho fazem com que muitos de nós tenham de ser internados nos hospitais.

Que vida tão negra é a nossa! É tempo de dizer; Basta de tanta fome, miséria e dor! Nós somos a força, e a razão está do nosso lado!

Unamo-nos todos e lutemos firmemente por melhores condições de vida!

Desde já, realizemos amplas reuniões de homens e mulheres, criemos comissões em todo o lado e assentemos nas jornas a exigir.

Façamos concentrações nas Casas do Povo junto dos agrários e exijamos 30\$00 para os homens, 20\$00 para as mulheres e o horário das 8 horas.

Aproximemo-nos uns dos outros, de qualquer terra donde tenhamos vindo. Unamo-nos todos e a vitória será nossa.

LUTEMOS CONTRA AS BASES MILITARES ESTRANGEIRAS EM PORTUGAL

A vida do povo português corre perigo! Isto deve-se à instalação de bombas atômicas do agressivo Pacto do Atlântico, no solo português.

Em Coima—Sezimbra—Lagoa de Albufeira, em Palhais, Montijo e em Alcochete são locais onde os americanos instalam rampas de lançamento de foguetões, depósitos de armas nucleares, de explosivos e enormes depósitos de «napalm». Ora, só duas bombas atômicas bastarão para transformar Portugal num brazeiro; mas o governo salazarista, governo de criminosos a soldo dos incendiários de guerras, esconde aos portugueses as trágicas consequências desta sua criminosa acção.

No Montijo, está a ser instalado o comando militar da NATO, que de Casablanca foi transferido devido à luta do povo Marroquino contra as bases da NATO no seu país.

Para campo de treino das tropas da Alemanha Ocidental, foram expropriados terrenos perto de Beja e construí-se aí uma Base Aérea.

Ora tudo isto, é feito com o objectivo de atacar a grande Pátria do Socialismo, a União Soviética. Mas a União Soviética já avisou dos perigos que correm os povos pela existência, nos seus territórios, dessas armas de extermínio às ordens do agressivo Pacto do Atlântico.

A União Soviética tem o direito de se defender, e por isso de destruir o agressor, esteja ele onde estiver. Ora esse agressor também existe em Portugal.

Para evitar que se crie essa situação e os horrores de sofrer-mos a destruição, é urgente que lutemos contra as bases estrangeiras instaladas ou a instalar em Portugal.

Lutemos pois, contra as rampas de lançamento de foguetões, depósitos de armas nucleares existentes no nosso país.

Exijamos que os campos de Beja lo sejam transformados em bases militares estrangeiras.

Exijamos a retirada do nosso solo de las tropas estrangeiras. Abaixo o governo salazarista!

A FUGA DE CAXIAS!

No dia 4 de Dez., às nove horas e meia da manhã, oito destacados anti-fascistas evadiram-se da fortaleza de Caxias, no antigo automóvel blindado de Salazar. São eles: FRANCISCO MIGUEL, JOSÉ MAGRO, GUILHERME CARVALHO, os três do C.C. do P.C.P. e ANTONIO GERVÁSIO, ROLANDO VERDIAL, ILÍDIO ESTEVES, DOMINGOS ABRANTES, todos funcionários do P.C.P., e ANTONIO TERESO, operário motorista da Carris.

A reconquista da liberdade por estes oito patriotas que não temeram a própria morte, só foi coroada de êxito pela sua firme decisão de prosseguir na luta, e pela ajuda que o nosso povo lhes prestou.

«O Camponês» saúda fraternalmente estes bravos companheiros de luta pela sua inteligente e audaciosa fuga, e faz votos por uma longa vida em liberdade.

A retomada do seu posto de combate, constitui uma valiosa contribuição à luta pelo derrubamento do fascismo.

Em homenagem aos oito fugitivos, «O Camponês» apela para todos os seus leitores, para todos

os trabalhadores honrados, a contribuirem com 5\$00, 10\$00, um dia de trabalho, etc., para defender da repressão fascista estes dedicados patriotas.

MAIS UM ASSASSINATO

Nas heroicas manifestações do dia 11-Nov. em Almada, o valente e sacrificado jovem Cândido Capilé, foi assassinado com uma rajada de metralhadora, atirada pelo sargento da G.N.R. ou do comandante da P.S.P.. Mais um nome a fixar e a juntar a tantos outros, tais como: Germano Vidigal, Catarina Eufêmia, Alfredo Lima, José Adelinó, todos eles vítimas das forças repressivas de Salazar.

Salazar e as forças repressivas que cumprem as suas ordens, são responsáveis deste cobarde crime, pelo qual terão de ser punidos.

«O Camponês» apela para que todos os trabalhadores enviem os seus protestos junto das autoridades locais, do Ministro do Interior exigindo castigo ao assassino do jovem Cândido Capilé.

Que todos os trabalhadores, homens e mulheres, prestem homenagem a este heroico companheiro caído na luta, fazendo minutos de silêncio, lutando pela Democracia, popularizando e fixando o nome de Cândido nos seus corações.

Abaixo o fascismo!
Morra Salazar!

OS LATIFUNDÁRIOS INIMIGOS DA ECONOMIA NACIONAL

ALCÁÇOVAS—JOÃO MORTEIRA, lançou aos porcos, grande quantidade de suas herdades «MONTE DAS PEDRAS» e «FAZ MAIS», só para não pagar jornas. O povo quis apanhá-la, ao meio, ao que o agrário se recusou. JOÃO NÚNCIO (toureiro) mandou enterrar grande quantidade de bolota, também para não pagar jornas.

Trabalhadores! Quando isto suceder, concentramo-nos junto das autoridades, protestamos e exigimos castigo a estes inimigos dos interesses do povo, e da nação.

PAIS E NOIVAS!

(continuação da 1ª pág.)

O Governo indiano, já por várias vezes tem dito, que todos os soldados e oficiais, que não tenham cometido crimes contra o povo, poderão regressar à Pátria, mediante negociações que, deveriam ser iniciadas pelo governo português. Porém, Salazar, até hoje não deu um único passo nesse sentido. Tendo até, contribuído para agravar mais ainda o seu cativo, com a repressão que está exercendo contra os indianos presos em campos de concentração em Moçambique e nas outras colónias.

Só a vossa unidade e firmeza, poderá obrigar Salazar a entrar imediatamente em contacto com o Governo indiano, para que o regresso dos nossos ente queridos seja rápido.

Formai Comissões e, com o povo das vossas vilas e aldeias, concentraí-vos, nas Câmaras Municipais, governadoras civis, deputados à Assembleia Nacional e, exigí o regresso imediato dos prisioneiros, de Goa Damão e Dio, e dos soldados que se encontram nas outras colónias.

REDAÇÃO

«O Camponês» é a voz que guia e orienta os operários agrícolas, os rendeiros e seareiros, os pequenos e médios camponeses na sua luta contra a opressão e exploração dos grandes latifundiários e do governo de Salazar. As massas trabalhadoras do campo, têm colhido uma rica experiência de luta ao longo destes catorze anos de existência do nosso jornal. Contudo, «O Camponês» precisa de enriquecer o seu conteúdo, necessita de tratar com mais largueza e profundidade, todos os problemas relacionados com a vida dos que trabalham a terra.

Sómente a boa vontade da Redacção, não pode melhorar «O Camponês». É necessário que todos os leitores, que todos os trabalhadores sérios rendeiros e seareiros, os camponeses, enviem as suas opiniões e sugestões, escrevam artigos e cartas, promovam entrevistas, inquéritos e reportagens sobre os mais variados assuntos e façam-nos chegar à nossa redacção.

Com o objectivo de procurar conhecer com maior profundidade as reivindicações mais sentidas das massas trabalhadoras e de outras camadas, e de poder orientar melhor a sua luta, a Redacção de «O Camponês» faz algumas perguntas aos seus leitores e a todos os trabalhadores.

APRENDAMOS A CONHECER O INIMIGO

ESCOURAL—Um rancho de homens que trabalhava para o agrário Tomáz Figo, na herdade do Barrocal, pediu ao feitor mais meia hora de entrega da parte da manhã. O feitor, em princípio, disse que sim, mas como a meia hora prometida não aparecia, um trabalhador resolveu ir falar de novo com o feitor. Este provocou-o e fez ameaças.

Como protesto, o rancho parou o trabalho. O feitor chamou a G.N.R. Esta apareceu de metralhadoras e apoutou-as aos trabalhadores! Fizeram provocações e levaram um preso.

Trabalhadores! Para fazermos recuar os inimigos e defendermos os nossos interesses de classe é

1ª—Actualmente, quais são as principais deficiências de «O Camponês»?

2ª—Quais são as reivindicações mais vivas e imediatas das massas que «O Camponês» deve agarrar e defender?

3ª—O que pensam os trabalhadores do campo da luta por um contrato colectivo de trabalho que assegure: trabalho garantido, salários...

4ª—O que pensam os operários agrícolas, homens e mulheres da luta pela jornada das oito horas?

5ª—O que se pensa sobre as Casas do Povo? E como lutar por eleições, onde sejam eleitas direcções honestas?

6ª—O que pensam os seareiros e rendeiros, os pequenos e médios camponeses da luta contra as rendas caras e impostos elevados, falta de subsídios, adubos caros, contra os baixos preços dos produtos agrícolas?

7ª—O que pensam os trabalhadores e os camponeses da REFORMA AGRÁRIA e como lutar por ela?

8ª—O que pensa o povo do Sul, as mulheres e os jovens, da guerra colonial e como lutar contra essa guerra criminosa?

Aqui ficam as nossas perguntas. Esperamos as vossas respostas, amigos.

fundamental a unidade e firmeza. Em vez de ter ido um só falar com o lacaio, deviam ter ido todos unidos, pois esse servo do patronato, não teria coragem de vos insultar e teria mesmo recuado. Por outro lado, era necessário ter falado com a G.N.R., apesar de toda a sua brutalidade, mostrando de que lado estava a verdade e a razão; e se apesar de tudo, a G.N.R. não atendesse, mostrar mais firmeza e não consentir que o companheiro fosse preso.

Em casos futuros, os trabalhadores devem pôr o problema assim.

Daqui não vai ninguém preso! Se tentarem prender algum companheiro, nós resistiremos!